

james dashner  
mesmo autor de maze runner

# a última fase

a doutrina da morte » v. 3

tradução: ivan hegenberg



TÍTULO ORIGINAL *The game of lives*  
© 2015 by James Dashner  
© 2016 Vergara & Riba Editoras S.A.

EDIÇÃO Fabrício Valério e Flavia Lago  
EDITORIA-ASSISTENTE Natália Chagas Máximo  
PREPARAÇÃO Alessandra Miranda de Sá  
REVISÃO Fábio Bonillo e Juliana Bormio de Sousa  
DIREÇÃO DE ARTE Ana Solt  
DIAGRAMAÇÃO Pamella Destefi  
ILUSTRAÇÃO DE CAPA Eduardo Schaal

**Dados Internacionais de Catalogação na Publicação (CIP)**  
**(Câmara Brasileira do Livro, SP, Brasil)**

---

Dashner, James  
A última fase / James Dashner; [tradução Ivan Hegenberg]. –  
São Paulo: Vergara & Riba Editoras, 2016. – (A doutrina da  
morte; v. 3)

Título original: *The games of lives*.

ISBN 978-85-7683-982-8

I. Literatura juvenil I. Título. II. Série.

16-01384 CDD-028.5

---

**Índices para catálogo sistemático:**

I. Literatura juvenil 028.5

Todos os direitos desta edição reservados à

**VERGARA & RIBA EDITORAS S.A.**

Rua Cel. Lisboa, 989 | Vila Mariana

CEP 04020-041 | São Paulo | SP

Tel. | Fax: (+55 11) 4612-2866

vreditoras.com.br | editoras@vreditoras.com.br

## prólogo

Michael adormeceu. Os leves solavancos na estrada e o murmúrio dos pneus no asfalto fizeram-no relaxar pela primeira vez em dias, deixando suas pálpebras pesadas. Ele era um especialista em lidar com a realidade — ou com a *irrealidade* —, mas depois de tudo pelo que tinha passado ultimamente, se lhe permitissem tirar um breve cochilo, ficaria eternamente grato. Havia muita coisa para digerir. Se tivesse a mínima oportunidade de escapar um pouco do mundo e de todos os seus males, iria aproveitar. Mas havia uma grande chance de que logo mais estivesse em um Caixaão.

A cabeça de Michael balançou. Ele se ajustou o melhor que pôde no assento. Sabia que era um sonho, porque não estava mais no carro do pai de Sarah. Estava no balcão da cozinha, antes que tudo aquilo começasse, onde sua empregada, Helga, servira o café da manhã para ele centenas de vezes. Talvez milhares. Pensou no homem que o tinha visitado na prisão, na conversa esquisita dele sobre sonhos dentro de sonhos, e como a lógica do looping se aplicava também à VirtNet. Coisas que podem levar alguém à loucura, se pensarmos muito nelas.

— Esses *waffles* estão bem saborosos — disse Michael.

Estava admirado ao notar como o sabor parecia real. Uma delícia quente e amanteigada. Engoliu outro pedaço e sorriu.

E Helga estava ali! Helga, doce e severa. Ela o olhou enquanto tirava alguns pratos. Era um olhar que Michael tinha visto muitas vezes ao longo dos anos. Um olhar que lhe dizia ser melhor não tentar dar uma de esperto com ela. Um olhar que costumava mostrar quando ele fingia uma tosse para não ir à aula ou mentia sobre a lição de casa.

— Não se preocupe — ele disse. — Isto é um sonho. Posso comer quantos eu quiser! — Ele sorriu e deu mais uma mordida, mastigou e engoliu. — Acho que Gabby ainda está sumida; ninguém me falou mais nada sobre ela. Mas claro que é bom estar de novo com Sarah e Bryson. O Trio Parada Dura, firme e forte. Não importa se na Vigília ficamos espremidos no banco traseiro de um carro. Isso é o de menos. Quem iria imaginar que nossa vida fosse ficar tão estranha? Que doideira.

Helga assentiu com a cabeça, sorrindo, e se debruçou sobre a máquina de lavar; a cozinha foi invadida por tinidos de vidro e porcelana.

Michael franziu o cenho, sentindo que Helga não dava a mínima.

— Talvez você não saiba de tudo ainda, minha alemãzinha. Ah, vamos lá. De algum jeito, enganaram a gente para destruímos o SSV e praticamente desligamos o sistema todo. Os pais de Sarah, que foram sequestrados, é bom que você saiba, apareceram do nada para nos resgatar da prisão, falando sobre *você* e um monte de ex-Tangentes, que supostamente estavam por trás de tudo. *Você*, Helga. Poderia me esclarecer essa parte, por favor?

A babá deu de ombros com uma expressão de ligeira culpa, quase sem interromper seu trabalho. O tilintar de vidros continuava, acompanhado do ruído de portas de armário se fechando. Michael sabia que era bom demais para ser verdade — achar que poderia apenas ficar sentado ali, aproveitando seu sonho. Não havia um único lugar no universo para onde ele pudesse correr e escapar de seus pensamentos — muito menos a própria mente. Atacou o *waffle* com as últimas mordidas, saboreando a casca crocante e a maciez de dentro, sentindo que o sonho iria terminar a qualquer instante. E Helga ainda não dissera uma única palavra para ele.

— Acho que você não consegue falar comigo nos meus sonhos, não é? — comentou Michael. — Isso é bem estranho. Kaine me disse que tinha matado você e os meus pais. — Ao imaginar seu pai e sua mãe, uma dor profunda percorreu seu coração de sonhador. — Talvez você tenha escapado de alguma maneira, não é? Sei lá. Será que você não pode viver pelo menos na minha cabeça? Talvez isso seja o mesmo que falar com meu...

Helga se virou bruscamente para ele, o rosto enrubescido:

— A Ravina Consagrada, garoto. Você sabe aonde tem que ir. Volte para a Ravina! Termine o que começou!

Michael fez menção de responder, mas, inesperadamente, foi bem neste momento que um buraco na estrada causou o desprazer de perturbar seu cochilo.

## i. um lugar agradável no campo

1

Quando Michael acordou, teve a desagradável sensação de bile subindo pela garganta. Não era a maneira mais alegre de ser recebido pelo mundo da consciência.

Inspirou profundamente. Desejou ter tomado alguma coisa contra enjoo. O pai de Sarah pelo jeito pensava que era um piloto de rali, e a estrada não estava cooperando em nada. Gerard, o Ás do Volante, a próxima revelação de Nascar, na pista mais sinuosa e esburacada do planeta.

Enquanto seguiam zunindo pelas curvas fechadas das montanhas no norte da Geórgia, o corpo inteiro de Michael se inclinava a cada guinada, como se assim pudesse ajudar a manter o carro no asfalto. Uma vegetação exuberante e grandes árvores cobertas de musgo formavam uma enorme caverna verdejante. Centelhas de luz solar piscavam entre as folhas enquanto avançavam.

— Tem certeza de que disseram Helga? — perguntou Michael mais uma vez, o sonho ainda fresco em sua mente.

*Vá para a Ravina Consagrada.* Tinham sido essas as palavras dela. O que significava, em termos lógicos, que sua própria mente lhe dizia isso. Tinham que voltar ao lugar onde tudo havia começado se quisessem encerrar aquela história. Parecia bem razoável.

Gerard, agarrando o volante como se temesse que aquela peça fosse fugir de suas mãos a qualquer momento, suspirou ao ouvir a pergunta. Sua esposa, Nancy, virou-se no banco do passageiro para poder encarar Michael.

— Sim — ela disse com um sorriso gentil, depois voltou-se de novo para frente.

Havia respondido em um tom tão paciente, que parecia ser a primeira vez que Michael perguntava, quando na verdade era a quinta ou sexta.

Ele estava sentado no centro do banco traseiro, com Bryson à esquerda e Sarah à direita. Ninguém tinha falado nada desde que haviam se reencontrado. Todos pareciam tão perplexos quanto Michael, depois de terem sido perseguidos, encarcerados e resgatados ao longo de vários dias tumultuados. O próprio Michael não sabia bem o que pensar. Os pais de Sarah haviam sido sequestrados e então resgatados por um grupo de pessoas misteriosas. Aquele mesmo grupo misterioso tinha coordenado um plano para que Gerard e Nancy pegassem a filha e os amigos, e os levassem a um endereço nas Montanhas Apalaches.

Mas também havia alguma coisa sobre os Tangentes. E uma mulher chamada Helga.

Não podia ser a babá dele, Michael pensou pela centésima vez. Ou podia? A Helga que ele conhecia se fora... não é? Até onde sabia, ela era uma Tangente que havia sido dispensada por Kaine, assim como os pais dele. No mínimo, tinham sido levados com mais rapidez à Decadência. Reais ou não, a morte deles tinha deixado um vazio em sua alma, e Michael não havia encontrado muita coisa para pôr no lugar.

O cotovelo de Sarah o atingiu, e ela despencou, meio desengonçada, em cima dele, comprimindo-o com o corpo inteiro, enquanto Gerard barbarizava em mais uma curva. Os pneus cantaram, e um bando de pássaros disparou da folhagem ao lado da estrada, berçando ao voar para longe.

— Tudo bem com você? — ela quis saber, tentando se ajeitar

no lugar. — Não parece muito alegre para quem acabou de escapar de uma prisão.

Michael deu de ombros.

— Acho que ainda estou tentando entender o que houve.

— Obrigada pela mensagem que me enviou — ela sussurrou. Apesar de terem ficado separados, tanto Michael quanto Sarah haviam hackeado o sistema de segurança da prisão para enviar mensagens um ao outro. — Aquilo me ajudou muito.

Michael assentiu, abrindo um ligeiro sorriso. Uma imagem horrível se formou em sua mente: Sarah agonizante numa poça de lava, em um último esforço para respirar, antes de sair do Caminho de Kaine, nas entranhas mais profundas da VirtNet. Fora Michael quem a colocara nessa confusão. E também os pais dela. E Bryson. Seu coração tinha se partido ao vê-lo sofrer tanto, e ele não podia deixar de se perguntar: será que um destino pior do que rios de lava virtuais os aguardava?

Bryson se inclinou para olhar para eles.

— Ei, ninguém me mandou mensagem nenhuma. Que mancada, hein?

— Desculpa — disse Michael. — Sei o quanto você adora tirar os seus cochilos. Não quis interromper.

Com um simples toque, Sarah acionou seu EarCuff, fazendo surgir a NetScreen. A mensagem, *Vamos vencer*, pairou diante deles. Uma onda de felicidade aqueceu o peito dele ao ver que ela tinha gravado aquilo. Ele sorriu, mais envergonhado do que gostaria.

— Muito fofo — Bryson inclinou-se para trás, olhando para Michael. — Tenho certeza de que não tiro meus cochilos há umas... hum... três semanas. E culpo você por isso.

— Aceito a culpa — Michael sabia que ele não falava sério; pelo menos, não *tão* sério. Mas, ainda assim, sentiu-se mal. Talvez fosse



a coisa mais simples e também a verdade mais perfeita que Bryson já tinha dito. A náusea de montanha-russa no carro de repente aumentou ainda mais. — Ah, meu deus — ele gemeu. — Senhor? Hum... Gerard? Pode parar o carro um segundo? Não estou me sentindo bem.

— Vire para o lado de Bryson — disse Sarah, afastando-se um pouco de Michael. Ela abriu a janela. — Melhor assim?

Mas o pai dela já tinha desacelerado — a freada brusca fez o embrulho no estômago de Michael piorar — e logo estacionou em um trecho de terra ao lado da estradinha.

— Como quiser, filho — anunciou o homem. Parecia tão à vontade com a situação, que Michael teve certeza de não ser o primeiro a pôr a refeição para fora naquele carro. — Mas não demore. Já estamos atrasados.

A mãe de Sarah deu um tapa de leve no braço do marido.

— Tenha dó, querido, pelo amor de Deus. Ninguém gosta de vomitar.

Michael foi logo passando por cima de Sarah. Abriu a porta e saltou do carro antes que ela pudesse reclamar. O horrível café da manhã da prisão estava vindo, e não havia como detê-lo. Foi até o arbusto mais próximo e o regou da maneira mais desagradável.

## 2

— Ei, cara, acho que tem alguma coisa na sua camiseta — disse Bryson, alguns minutos depois.

Estavam de volta à estrada, e Gerard havia retomado o treino de alta velocidade.

Michael sorriu — não se importava. Sentia-se tão aliviado que o mundo parecia até mais brilhante e claro.

— Que bom que isso deixou você contente — murmurou Bryson, então deu uma palmadinha amistosa no ombro do amigo. — Aliás, obrigado por não deixar respingar nada em mim.

— Não tem de quê — respondeu Michael.

— Está se sentindo melhor? — perguntou Sarah.

— Mil vezes melhor — Michael cruzou os braços e mudou a posição das pernas para ficar mais confortável. — Acho que estou me sentindo melhor a respeito de tudo. Quero dizer, não tenho muita certeza do que aconteceu em Atlanta, mas já é bom o simples fato de estarmos todos vivos, não é? E agora vamos encontrar pessoas que querem nos ajudar.

*E temos um plano*, ele pensou. Era a primeira vez depois de muito tempo que ele tinha um plano, e isso soava muito bem. Iria para a Ravina Consagrada, de volta aonde tudo havia começado. Só precisava esperar a melhor hora para contar aos amigos.

— Cara — disse Bryson —, você é o tipo de pessoa que vê o copo metade cheio. Gosto disso.

Sarah sorriu e, discretamente, pegou a mão de Michael, entrelaçando os dedos nos dele. O mundo ficou ainda mais brilhante. *Precisamos descobrir se Gabby está bem*, ele pensou. Da última vez que a vira, estava inconsciente — tinha levado uma pancada na cabeça —, e era culpa de Michael, que a levava para aquela confusão toda. Não queria envolvê-la em mais nada que fosse perigoso, mas precisava ter certeza de que ela estava bem.

— Estamos quase lá — anunciou Gerard, reduzindo a velocidade. — Bom... Pelo menos, acho que sim.

Michael sentiu um arrepio na espinha. Ainda de mãos dadas com Sarah, inclinou-se para frente, espreitando pelo para-brisa enquanto continuavam atravessando o túnel verdejante da floresta. Não tinha a menor ideia do que esperar — aonde estavam indo

ou por que —, mas sua animação aumentava a cada segundo enquanto observava a estrada adiante. Aquilo o fazia pensar no Caminho, e, com grande ansiedade, perguntava-se se estava mesmo no mundo real, na Vigília, ou em algum outro lugar em um Caixaão, conectado a fios e ligado à VirtNet. *Tinha sido* enganado tantas vezes, e de tantas maneiras, que nunca mais poderia ter certeza.

Recordou-se de novo do homem que o havia visitado na prisão, logo antes da agente Weber. Aquilo voltara a ele em seu sonho, também. Algo a respeito de acordar repetidamente, com camadas em cima de camadas, em vários níveis da VirtNet. O que era aquilo? Parecia um sonho dentro de um sonho. Aquilo realmente o havia assustado.

A estrada tornava-se íngreme ladeira abaixo, e Michael afastou esse pensamento da cabeça. Ficaria nauseado novamente se continuasse pensando no assunto. Preferiu se concentrar no mundo ao redor — real ou virtual — tal como era.

Do lado de fora, a muralha de árvores ficava menos densa, revelando um grande vale entre duas montanhas com mata cerrada. Nuvens cobriam o sol, lançando uma penumbra sobre o dia, como se para compensar a sombra que sumia.

— É para lá que estamos indo? — questionou Bryson. Soltando o cinto de segurança, aproximou-se o máximo que pôde de Gerard, agarrando o descanso de cabeça do banco da frente. — Esse lugar parece ter uns mil anos de idade.

— Só pode ser aqui — respondeu Nancy. — Pelo visto, não tem mais nada nessa área.

Michael ficou olhando. Logo abaixo deles, espalhados em meio às árvores lá no fundo do vale, havia vários prédios baixos e compridos, que o faziam se lembrar de contêineres um tanto desgastados. Pareciam alojamentos militares, tais como se podiam ver naqueles

filmes de guerra antigos em plena selva exótica. Os telhados tinham buracos — alguns consertados, mas outros à mostra, deixando os prédios a céu aberto. Musgo e hera cresciam por toda parte, cobrindo grandes porções de prédios, de modo que alguns trechos pareciam um jardim ornamental de algum gigante descuidado.

— Cara — murmurou Bryson —, esperava uma coisa mais no estilo Marriott. Lá na prisão pelo menos tinha banheiros que funcionavam.

— Cobras — sussurrou Sarah, como se estivesse em transe. — Aposto que esse lugar está cheio de cobras.

Michael se recusou a deixar o desânimo tomar conta de si. Sua curiosidade mais do que compensou a aparência dilapidada de... seja lá o que fosse aquele lugar.

— E então? Já estiveram aqui antes, não foi? — ele perguntou a Gerard, mas em seguida tentou outra abordagem: — Onde vocês encontraram Helga e os outros? Como sabiam onde nos encontrar? Como sabiam chegar aqui?

Nancy se virou de frente para ele:

— Acho que não temos muito o que contar. Diria até que vocês três sabem mais do que nós. Nossos sequestradores nos trouxeram para este lugar horrível, e aí os... Tangentes, era assim que eles se chamavam, invadiram o lugar, soltaram a gente, nos deram esse carro e passaram algumas instruções. Tudo aconteceu como a chegada de um furacão. Não tivemos muita escolha, a não ser confiar neles. Quero dizer, no final, isso significou chegar até vocês e tirá-los da prisão.

Michael poderia reagir de diversas maneiras àquilo tudo. Confiar de novo em alguém era algo que jamais acharia fácil. Naquele momento, tudo se limitava a continuar vivo, e ele tinha que admitir que aquela era sua melhor opção.

E havia Helga. Precisava encontrar Helga.

A ladeira chegou ao fim, restringindo o campo de visão, e logo mais eles estacionavam ao lado do enorme complexo de alojamentos. O que Michael não havia conseguido notar à distância era a dezena de carros parados sob a sombra de diversas árvores frondosas. Os carros pareciam velhos. Tão velhos que, não fosse pela ausência completa de musgo na superfície, daria para imaginar que estivessem parados ali há tanto tempo quanto os prédios.

Gerard mal tinha estacionado quando uma mulher alta apareceu na porta de um dos alojamentos. Usava uma calça jeans empoeirada e uma blusa de moletom preta, os cabelos castanho-claros presos em um rabo de cavalo. Ela caminhou com confiança para onde estavam, o rosto retorcido em uma carranca.

— É ela — sussurrou Gerard, enquanto abaixava o vidro.

Michael não a reconheceu, e o coração dele ficou apertado, mesmo não tendo motivos para achar que devia saber como era Helga na Vigília.

Ela se inclinou sobre a janela do motorista, repousando ali os antebraços, e deu uma olhada em cada um dos ocupantes. Apointou com a cabeça o prédio de onde viera.

— Vamos entrar — ela disse, com um sotaque bem diferente do alemão que Michael esperava. — Vamos, antes que tudo esteja perdido.

Então se virou e dirigiu-se aos alojamentos.

### 3

— É pra hoje, cara, é pra hoje — não era uma boa hora para Bryson levar um dia inteiro para sair do carro. Michael nunca estivera tão impaciente em toda a sua vida. Tinha que descobrir a

verdade sobre essa Helga e as pessoas com quem ela estava. Quem sabe não *poderiam* ajudá-lo a voltar para a Ravina Consagrada.

— Estou indo. Relaxa! — respondeu Bryson, embora continuasse parado. Olhou com desconfiança para Michael. — Tem certeza de que isso é uma boa?

— Sim — responderam Michael e Sarah ao mesmo tempo.

Os pais de Sarah já haviam saído do carro e batiam as portas.

— Você chegaria a ponto de dizer que tem... uma certeza dos infernos? — pressionou Bryson. — Minha avó falava assim. Se tiver uma certeza dos infernos, então estou dentro.

Michael se esforçou para manter a calma.

— Sim. Tenho uma certeza dos infernos.

— Muito bem, vamos lá — Bryson saltou do banco traseiro, com Michael empurrando o amigo para que saísse mais rápido.

Sarah saiu pela outra porta, e o grupo logo seguia o pai dela por uma trilha de gramado que ia até uma porta entreaberta. Gerard não hesitou; foi logo entrando. Michael e os amigos o seguiram.

A mulher alta que os tinha cumprimentado esperava por eles, mas não foi isso o que chamou a atenção de Michael.

Quando seus olhos se ajustaram à luz, ficou chocado com o que viu. Era como se houvesse entrado em um mundo completamente diferente. O alojamento decadente abrigava um paraíso tecnológico. Lâmpadas LED de baixa luminosidade alinhavam-se no teto, iluminando a névoa esverdeada de dezenas de Net-Screens. Havia uma fileira de Caixões azuis em um lado da parede, e uma fileira de escrivaninhas do outro lado, e nelas homens e mulheres trabalhando furiosamente. Havia utilizado vigas de madeira nova para reforçar as paredes e o teto, e Michael notou que usavam uma espécie de plástico para vedar os vários buracos do telhado.

A voz da anfitriã tirou Michael de seu torpor, cortando o silêncio:

— Tínhamos que encontrar um local isolado...

— Missão cumprida, então — murmurou Bryson.

— ...mas que tivesse fonte de energia e acesso ao satélite que faz transmissão para a VirtNet. Isto aqui é um antigo alojamento para treinamento de combatentes do exército especializados em tecnologia, abandonado uma década atrás devido ao corte de orçamento. Acabou se encaixando perfeitamente em nossas necessidades. Levamos algumas semanas para arrumá-lo, mas aqui estamos nós. E já estamos trabalhando.

Michael tinha um milhão de perguntas, mas uma sobressaía em relação às demais.

Olhou bem para a mulher alta e deu um passo em sua direção, observando-a detalhadamente.

— Gerard disse que você contou pra ele que seu nome é Helga. E que você é uma Tangente. Então... — ele não fazia a menor ideia de como formular a pergunta que queria fazer.

Michael ficou surpreso ao ver lágrimas brilhando nos olhos dela, tremeluzindo sob o reflexo da luminosidade local.

— Sim — ela respondeu. Depois envolveu-o nos braços e o puxou para um abraço de estalar os ossos. — Você deve ser Michael. Meu menino.

Os olhos de Michael se arregalaram, e ele precisou de um instante antes de retribuir o abraço.

— Você é... Helga? Mesmo? Mas como...? — ela havia aceitado com rapidez que era ele naquele outro corpo, mas ele não sabia se poderia fazer o mesmo.

Ela o afastou um pouco, o olhar firme apesar das lágrimas.

— Há muito o que contar. Muita conversa para pôr em dia. Para resumir, já seguíamos o rastro de Kaine antes de você cruzar o

caminho dele. Roubamos o programa da Doutrina da Morte dele. Quero dizer, fizemos uma cópia. Tínhamos que fazer isso, Michael. Tínhamos que vir para o mundo real se quiséssemos salvar o virtual.

O enjoo da viagem de carro parecia ter voltado ao estômago de Michael.

— Espera aí... Você... você roubou corpos de pessoas? — ele recuou um passo. — Você... Como posso saber que é mesmo Helga? Como posso confiar em qualquer um de vocês? Me diz: como?

A mulher que alegava ser sua antiga babá sorriu com gentileza.

— São excelentes perguntas as suas — ela disse. — E vou responder a cada uma delas. Acho que vai ser bem fácil provar quem eu sou. Vou lhe dizer algo que só você sabe...

Ela se deteve, observando com atenção o grupo de Michael. Era óbvio que estavam tão preocupados quanto ele. Haviam se comprometido a impedir aquele tipo de coisa. Mas aqueles que os tinham resgatado não pareciam muito melhores que o próprio Kaine.

— Nós não... matamos ninguém — a mulher alta esclareceu por fim. Sua postura tornou-se formal novamente, o semblante perdendo aquela doce suavidade. Mas Michael pôde ver uma profunda tristeza naquele olhar. — Pelo menos, não de verdade.

— Não de verdade? — repetiu Sarah, lançando um olhar desconfiado para Michael, que de repente sentia o chão perder a firmeza sob seus pés.

— Por favor — disse a mulher, claramente frustrada com sua dificuldade de comunicação. — Vamos nos sentar e conversar sobre tudo isso, está bem? Por favor — ela se dirigiu para o círculo de cadeiras dispostas perto dos Caixões brilhantes.

Michael olhou para Bryson e Sarah, deu de ombros e se aproximou das cadeiras, com as palavras *não de verdade* ainda zumbindo em seus ouvidos.



— Vamos começar pelo início — disse a mulher alta, assim que todos se sentaram. — Vocês precisam saber que eu sou quem afirmo ser para poderem confiar em mim — Helga esperou mais um instante até que o grupo se acomodasse, depois se virou para Michael, olhando-o fixamente enquanto falava. — Eu era sua babá, Helga. *Sou* a Helga. Uma parte de mim suspeitava de que éramos Tangentes, mas você era real para mim, Michael. Apesar de tudo o que Kaine fez, acho que muitos de nós avançaram para a senciência, que desacelera significativamente o processo de Decadência. Conheço você e sei que também avancei para essa situação — ela fitou o vazio por um momento, como se estivesse perdida em um deserto de velhos pensamentos, mas um segundo depois voltou ao presente. — A questão é: você foi e sempre será como um filho para mim. Mas me deixe provar isso para você.

Michael franziu as sobrancelhas, olhando firme e demoradamente para ela, como quem considera as próprias opções. Ela se inclinou para frente, os braços sobre os joelhos, as mãos entrelaçadas. Parecia genuína, com um olhar intenso e repleto de dor. O resto da sala estava em silêncio, e Michael mantinha toda a sua atenção naquela mulher. Helga. O futuro dele parecia estar suspenso em uma balança.

— Muito bem — ele disse, tentando pensar com clareza. — Qual era meu café da manhã favorito?

— Espera aí — disse Bryson, antes que a anfitriã abrisse a boca para falar. — Isso não prova nada — ele se virou para Michael. — Se sua babá era uma Tangente, Kaine podia com facilidade saber cada detalhe da sua vida. Um download em um instante, e pronto. Ou pior: ela pode ter sido programada por ele. Isso é inútil.

— Você não ajudou em nada — respondeu Michael.

O amigo dele tinha razão, o que era absolutamente frustrante.

— Ele está certo — respondeu a mulher, levantando-se.

— Não a respeito de Kaine, mas sobre ser impossível para mim convencê-los, acima de qualquer suspeita, de que eu sou Helga. Poderia falar durante o dia todo sobre o quanto você adorava comer *waffles* no café da manhã, ou como, com apenas cinco anos, você me implorou que o deixasse ler o romance de Stephen King, e eu o fiz ficar com o de Judy Blume. Ou sobre sua perna quebrada quando você tinha sete anos, ou as vezes que o peguei tentando entrar no Caixão escondido do seu pai, quando era mais novo. Quantas vezes eu levei queijo e bolachas enquanto você estudava os códigos de acesso da NetScreen na cama? E aquela vez em que trabalhamos freneticamente para limpar a casa depois daquele infame “incidente da festa do pijama”, antes que seus pais voltassem para casa de uma das viagens de negócios?

Ela se deteve por um instante, um sorriso caloroso perpassando seu rosto, e Michael não podia fazer nada além de encará-la, o queixo caído.

— Eu poderia continuar por horas a fio — ela disse. — Mas jamais conseguiria convencê-lo por completo. Nem os seus amigos. Sou um trecho de um código, Michael. Mais nada. Ninguém entende essa dor mais do que eu, confie em mim. Mas não sei como ganhar completamente a sua confiança.

— Olha, gente, não queria insultar ninguém, viu? — disse Bryson, olhando sem graça para o chão.

Michael sentiu que seu corpo tremia, a emoção tomando conta de seu peito. Bryson havia levantado uma questão importantíssima, e não podiam ignorar as implicações dele. Mas, por outro lado, Michael tinha que se permitir confiar mais uma vez. Em

alguma coisa. Em *alguém*. E, se tivesse um radar de confiança, ele estaria apitando feito louco naquele momento.

— É você — ele sussurrou.

Ninguém disse nada. Como se não o tivessem ouvido.

— É você — ele disse um pouco mais alto.

E então Michael correu até ela e a abraçou com força, antes que alguém pudesse perceber as lágrimas escorrendo de seus olhos.